

O pensamento filosófico de Agostinho da Silva

João Ferreira*

O estudo do pensamento filosófico do notável luso-brasileiro George Agostinho da Silva (1906-1994) pressupõe o estabelecimento prévio de um *corpus* textual que dê ao elaborador do texto a matéria-prima necessária. Para dispormos de mais facilidade na prática da leitura, demos preferência aos textos apresentados pela edição da Âncora que, por ser uma coleta selecionada por profissionais da filosofia, ganha, de entrada, certa vantagem. Essa edição consta basicamente de dois volumes de textos e ensaios, onde estão reunidos os escritos mais significativos sobre o pensamento filosófico de Agostinho.¹

Agostinho da Silva utilizou uma enorme variedade de gêneros de transmissão e comunicação: cartas, aproximações, considerações, conversações, convergências, divergências, paradoxos, pensamentos à solta (com *puzzle* implícito), ajustamentos, conversas vadias, fragmentos, folhetos, folhas, glossas, ensaios, notas, parábolas, apólogos, projetos, artigos e um número sem-fim de originais criações, incluindo pensamento em farmácia de província, aliás, bem interessante. Assinados pelo ortônimo Agostinho da Silva e por variados heterônimos, os textos apresentam reflexões, axiomas, princípios, doutrinas, conceitos, mensagens. De uma forma geral, podemos dizer que não está no estilo de Agostinho da Silva escrever tratados ou exposições sistemáticos, nem fazer demonstrações silogísticas, como acontece com várias exposições dos filósofos clássicos apresentados pela história da filosofia. Agostinho caracteriza-se cir-

* João Ferreira nasceu em Agunchos, Cerva, Portugal. Veio para o Brasil em 1968 para assumir a docência no Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Brasília, por intermediação de Agostinho da Silva, nessa altura Coordenador do Centro Brasileiro de Estudos Portugueses da UnB. Possui doutorado em Filosofia e Pós-doutorado em Literatura Portuguesa. É atualmente Professor Titular aposentado da Universidade de Brasília. Principais obras publicadas: *Presença do agostinismo avicenzante na teoria dos intelectos de Pedro Hispano*. Braga: 1959; *Existência e fundamentação geral da Filosofia Portuguesa*. Braga: 1965; *Uaná. Narrativa Africana*. São Paulo: Global Editora, 1987; *A Questão do Pré-Modernismo na Literatura Portuguesa*. Brasília: 1996; *A alma das Coisas* (Poemas). Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2004. Na área de tradução, foi coordenador de tradução, revisor e um dos tradutores do *Dicionário de Política de Norberto Bobbio*, Brasília: Ed. da UnB, 1986.

cunstanacialmente tanto pela exposição temática quanto pelas manifestações espontâneas de pensamento. E é desta forma que se torna acessível elaborar um mapa de conteúdos de natureza filosófica que representam sua visão de mundo e ideologia.

Agostinho era um entendedor profundo da filosofia clássica da Grécia e da Roma antigas. Lia, comentava, expunha, traduzia. Desde Pitágoras, Parmênides e Heráclito até Sócrates. Desde Platão e Aristóteles, íntimos de sua leitura, até aos doutrinadores do estoicismo e do epicurismo. Da Filosofia romana, conhecia em profundidade Cícero e Sêneca, traduziu o *De rerum natura*, de Lucrecio. Conhecia os filósofos humanistas. Nutria admiração especial por Baruch Spinoza, judeu português, natural, segundo alguns biógrafos, de Castelo de Vide, emigrado para Amsterdão, na Holanda. Spinoza é autor de *Ética*, onde defende um sistema de visão panteísta do mundo, que agrada a Agostinho. É oportuno dizer, entretanto, que suas leituras são mais um contato, uma forma de diálogo. No fundo, Agostinho permanecerá sempre como um livre-pensador. Livre, porque postula para seu espírito a prioridade da inquietação, da reflexão e da meditação, independentemente dos sistemas e teorias presentes na história da filosofia.

Como cigano do mundo, Agostinho interpreta o pensar histórico humano como parte de uma interrogação fundamental e universal, que é a interrogação sobre o mistério do universo. É por isso que a reflexão em seu itinerário filosófico não tem a condicionante do sistema desta ou daquela escola, deste ou daquele autor. Não é por conseguinte nem cartesiana, nem kantiana, nem husserliana, nem hegeliana. A tônica estrutural do seu pensamento é a tônica do espírito. Uma tônica itinerante, ontológica, religiosa, mística, que busca a essencial relação com Deus e com o sentido do mundo. Como seu homônimo Agostinho de Hipona, um pensador cristão de pendor platônico e intimista, Agostinho da Silva achará dentro de si e na peregrinação pelo mundo as coordenadas de uma itinerância filosófica própria.

Quando falamos de itinerância filosófica própria, referimo-nos a coordenadas próprias, fundantes: abertas, soltas, para que o espírito sempre ficasse livre para pensar, sentir, sondar, farejar, refletir, captar, formular, duvidar, indagar, interrogar, intuir, dizer, expor, propor, ouvir, dialogar. Agostinho não é um simples comentador e tem pouca inclinação a ser discípulo. Mas tem muita vocação e jeito para ser mestre. No fundo, é um postulador. Um propositor. Cria doutrinas, teses e reflexões sobre o mundo. Por força presencial ou pela palavra falada e escrita, atrai ouvintes e leitores, faz discípulos, passando adiante sua doutrina. Tem luz e coloca-a no caminho dos caminhantes da filo-

sofia. De uma maneira adequada utiliza a filosofia como reflexão e dá-lhe, em casos necessários, o estatuto de teorização. No fundo, não esconde que o exercício dialético em si e a cultura balofa e erudita de arquivo o aborrece. Através de outro lado, o pensamento vivo e a sua função vital. De preferência, caminha na direção de uma filosofia antropológica e itinerante que nas trilhas dos modelos de origem se caracterizará pela busca de um sentido identitário binário, onde haverá, de um lado, um rosto voltado para o indivíduo que tenta encontrar seu lugar no mundo, e, de outro lado, um segundo rosto apontado para a identidade dentro do grupo cultural a que pertence.

Nesse sentido, a filosofia de Agostinho move-se funcionalmente como se fosse um instrumento ancilar. Função que é em sua essência uma função de serviço. Dito por outras palavras, a filosofia tem a função de ser um instrumento de sustentação dialética de atos culturais. Essa noção é utilizada por Agostinho para muitas tarefas.

Em termos de linguagem filosófica, sabemos que uma parte da exposição agostiniana é reflexiva, como se depreende de *As Aproximações*, de *Só Ajustamentos* e *Considerações*. Sempre uma reflexão típica, por vezes puxando para o anárquico, para o improvisado e até para o aleatório, mas onde o *modus* dialético se mostra irreduzível a modelos alheios ao seu pensar. Em *Sete cartas a um jovem filósofo*, a base do diálogo de José Navarro com o amigo Luís – não obstante a presença doutrinária pagã e primitiva, carregada de espontaneísmo e naturalismo, à moda de Alberto Caeiro, que aflora aqui e ali –, é a de tentar estruturar a mente do discípulo, mostrando ao jovem que é pelo aprendizado da reflexão que se adquire uma experiência contra as ciladas da mente e se constrói um forte “núcleo interior” do qual emanam todas as reflexões fundantes da vida. O excerto a seguir ilustra bem o lugar que Agostinho dava à filosofia como reflexão: “Do que você precisa, acima de tudo, é de se não lembrar do que eu lhe disse; nunca pense por mim, pense sempre por você; fique certo de que mais valem todos os erros se forem cometidos segundo o que pensou e decidiu do que todos os acertos, se eles foram meus, não seus. Se o Criador o tivesse querido juntar muito a mim, não teríamos talvez dois corpos distintos ou duas cabeças também distintas. Os meus conselhos devem servir para que você se lhes oponha. É possível que depois da oposição venha a pensar o mesmo que eu; mas nessa altura já o pensamento lhe pertence”.² A par da filosofia como reflexão, encontramos nele, também, a filosofia sonhadora, utópica, subjetiva e idealista, que representa a parte mais central de seu espírito itinerante. Faz parte da filosofia utópica e sonhadora de Agostinho a conhecida doutrina do Quinto Império, que se manifesta nos arroubos mes-

siânicos do sapateiro de Trancoso, em António Vieira e Fernando Pessoa e se esculpe abertamente em Agostinho da Silva.

Por outro lado, é indisfarçável a presença da brilhante parte retórica na teorização, nos discursos que levam à formulação de axiomas, aos princípios doutrinários e às justificativas ontológicas e existenciais. A teoria tem por fim a elaboração de princípios. E os princípios são de natureza fundante. Não temos dúvida de que também para Agostinho da Silva a teorização representou o lado básico de sua filosofia. Isto quer dizer que sem teorização não teria como expor seus argumentos nem como convencer seus leitores. Através da exposição e da justificação teórica de argumentos, Agostinho conseguiu estabelecer os pontos de partida, as bases e os caminhos da própria doutrina e da própria ideologia.

Um aspecto muito importante que surge no conjunto dos textos filosóficos de Agostinho é o claro apelo do autor à prestação de serviços pela filosofia. Ou seja, Agostinho apela para o serviço ancilar que a filosofia deve prestar como sustentação dialética e argumentativa em circunstâncias especiais. É algo especial, parecido com aquilo que acontecia na Filosofia Escolástica da Idade Média. A filosofia era nesse tempo convidada a emprestar seus serviços instrumentais a favor da teologia. Era chamada por isso *ancilla Theologiae*, serva, de serviços alugados para a Teologia, a fim de que desse sua ajuda instrumental na elaboração dialética e apresentação racional da teologia.

No pensamento de Agostinho da Silva, a filosofia é aproveitada também como instrumentação de várias formas, como justificativa de ideal, como fundação pedagógica, e como instrumento de defesa de identidade individual e coletiva.

Em termos de cultura portuguesa, a filosofia aparece em Agostinho como ato fundante da identidade cultural portuguesa.

Agostinho mostra esta função instrumental da filosofia, ao exprimir a sua esperança de ver um Portugal renascido a partir de uma teoria portuguesa fundante, ou de uma verdadeira filosofia portuguesa: “No fundo”, diz Agostinho, “continuo a acalentar o sonho de ver a verdadeira filosofia portuguesa a comandar tudo isto e a partir daí ver Portugal a desempenhar um novo e importante papel no mundo.”³

Pela citação vêem-se a defesa e o aproveitamento da filosofia como instrumento dialético de equacionamento de princípios e de valores nacionais, ao qual se dá uma finalidade visível na cultura portuguesa.

Existe nas dimensões da filosofia como consciência do ser, como teoria e como busca de valores uma margem ampla para sabermos que na mente de

Agostinho há também uma função pedagógica na filosofia, que é a de esclarecer, orientar, servir e doutrinar no que se refere à missão de Portugal. No contexto, a filosofia aparece como instrumento de recriação, de recuperação e de retorno aos arquétipos de origem.

São exemplos vivos desta defesa da filosofia como ato fundante da identidade portuguesa, a defesa do movimento em favor da exemplaridade da criança, lembrada como símbolo exemplar por ocasião de suas exposições sobre as festas do Espírito Santo, próprias da antiga cultura portuguesa. A criança seria o símbolo do caminho promissor de um reencontro com a autêntica identidade portuguesa, hoje fortemente degradada. Ir na direção da redescoberta da identidade portuguesa é dizer um não à alteridade ou recusar-se a ser simplesmente o outro. Esta filosofia cultural retoma na sua genuinidade as teses centrais propostas pelo neogarretismo e por Teixeira de Pascoaes n'A *Águia* e na Renascença Portuguesa.

Ao colocar a filosofia como um instrumento hermenêutico da história, da cultura e do destino de Portugal, na tentativa de mostrar os caminhos da identidade portuguesa, Agostinho lança mão da fecunda idéia criacionista. Esta idéia é um não rotundo ao conservadorismo e um convite à reconstrução portuguesa no plano dos indivíduos e da nação. Na entrevista com Henryk Siewierski lança as bases deste criacionismo. Ao defender que “o mundo é algo que se esculpe”,⁴ Mestre Agostinho está trazendo para o debate um princípio renovador que passará a constituir uma linha de pensamento muito característica. Dentro dessa linha de pensamento, o homem passará, de igual forma, a ser entendido como algo que se esculpe, que se cria, que se faz. Sempre atento e renovador, Agostinho evita o tom pessimista do existencialismo de Sartre para quem “o homem é uma paixão inútil”. Para Agostinho, a vida é um ato de construção. Bem à maneira do mestre Leonardo Coimbra, que dizia que “o homem é um ser que se faz”, Agostinho defende o projeto de uma construção evolutiva do homem.

Esta idéia, na verdade, havia sido posta a circular em Portugal, muito antes, no tempo da Renascença Portuguesa, no período de 1912 a 1915. Seu mais destacado teórico havia sido Leonardo Coimbra, que a explanou, em 1912, em seu livro *O Criacionismo*. Mas foi partilhada por outros portugueses do tempo, especialmente por Teixeira de Pascoaes, líder da Renascença Portuguesa, que deu a seus poemas *Marânus* e *Regresso ao Paraíso* um tom inteiramente criacionista. Agostinho retoma a idéia e estende-a à hermenêutica da história portuguesa, tornando-a uma referência essencial em seu pensamento. O reencontro com a teoria dinâmica do criacionismo vem colocá-lo entre os

pensadores vitalistas que se opuseram à dominação positivista, racionalista e intelectualista que havia caracterizado o fim do século XIX. Nessa altura, Nietzsche havia tentado desmontar a polaridade do binômio bem-mal, e avançado com a valorização do lado dionisíaco da filosofia da cultura, chamando a atenção para o aspecto da sensibilidade e da emoção. Com isso teve o mérito de mostrar que há, para além da razão, o mundo importante da sensibilidade e da emoção. Sua obra *Assim falou Zaratustra* passou a significar a defesa da expressão livre e leiga da filosofia. Todo o processo nietzschiano terá o rótulo de operação desconstrutiva de profundo alcance no Ocidente. A filosofia dá após Nietzsche uma virada antiintelectualista de 90 graus. Portugal está presente também nessa virada. Graças também a Henri Bergson, que Leonardo descobre e divulga em Portugal. É a voz da filosofia vitalista ganhando terreno. Uma filosofia cujo fundo estará presente em *Prolegômenos para uma filosofia não-aristotélica*, de Álvaro de Campos. Estes conceitos vitalistas casam-se com as tendências portuguesas que buscam a renovação. Nesse espírito se encaixam o neogarretismo, já em campo, o movimento literário do Porto e demais movimentos literários nacionalistas acompanhados de perto pelo genial modernismo de Fernando Pessoa.

É importante dizer que este comportamento da filosofia portuguesa bem representada por Leonardo Coimbra e pela Renascença Portuguesa passava a simbolizar as preocupações culturais do país. A doutrina criacionista de que “o homem é um ser que se faz” é uma tese revolucionária que se antecipa ao pensamento existencial europeu de Gabriel Marcel e Martin Heidegger e que irá repercutir. Assimilando este facho doutrinal do criacionismo leonardino, Agostinho, vai dizer em seu livro *Só Ajustamentos*, publicado em 1962, que “ao lado dos que acham o mundo inteiramente feito”, existem aqueles aos quais parece que o dito mundo se encontra em plena evolução.”⁵ “O mundo é algo que se esculpe”, acrescentará depois – como vimos –, em entrevista a Henrik Siewierski.⁶ Este princípio irá reforçar o preceito de que ao filósofo cabe descobrir, guardar para si e para os outros “aquela íntima e última verdade que nas coisas anda”. Em sua principal linha, o discurso imaginativo, reflexivo e expositivo de Agostinho se manterá nesta rota criacionista, para defender e mostrar que o homem é uma construção de si mesmo.

Ao princípio criacionista convém juntar um outro princípio de profunda significação no universo filosófico de Mestre Agostinho da Silva. Esse princípio é o da concepção de vida como modo e como arte de viver e traduz-se na fórmula da *philosophia ut ars vivendi*.

A opção criacionista chamada para reformular todo um conceito de

vida, passa a ser vista, desde agora, como um princípio fundante. Ou seja, o teor criacionista, como visão de mundo, passará a formar toda a base da filosofia de Agostinho, e a filosofia será vista, especificamente, como uma *ratio vitae*, como uma “razão de vida”. A propósito, não há melhor texto do que este, extraído do livro *Considerações*:

“Não seria mau que se tornassem a mostrar as almas e que a filosofia deixasse de ser apenas uma disciplina ensinável para voltar a constituir um engrandecimento e uma razão de vida; correria talvez melhor o mundo se escolas de existência filosófica agissem como um fermento, fossem a guarda da pura idéia, dessem um exemplo de ascetismo, de tenacidade na calma recusa da boa posição, de alegria na pobreza, de sempre desperta atividade no ataque de todas as atitudes e doutrinas que significassem diminuição do espírito, ao mesmo tempo se recusando a exercer todo o domínio que não viesse da adesão. Velas incapazes de se deixarem arrastar por ventos de acaso, seguiriam sempre, indicariam aos outros o rumo ascensional da vida, não deixando que jamais se quebrasse o tênue fio que através de todos os labirintos a Humanidade tem seguido na sua marcha para Deus. Seriam poucos, sofreriam ataques dos próprios que simpatizassem com a atitude tomada, quase só encontrariam no caminho incompreensão e maldade; mas deles seria a vitória final; já hoje mesmo provocariam o respeito.”⁷

Fica bem claro que, para Agostinho, a filosofia se justifica não como um exercício retórico ou como uma montagem dialética que teoriza abstratamente sobre o cosmos, mas passa a ser uma arte de fundação e de ajustamento de rotas para o homem em sua existência peregrina. Ela tende a encontrar um caminho de luz e de orientação existencial para o homem, a tornar-se consciência de um *Dasein in der Welt*.

A partir deste horizonte, a filosofia será considerada como uma *ars vivendi*, como uma forma de vida. Aliás, uma concepção que tem suas raízes na filosofia antiga. Vem desde Platão, passa pelos estóicos, por Filão de Alexandria, por Santo Agostinho e Boécio. É retomada por São Boaventura no século XIII, e depois por Pascal no século XVIII, por Maurice Blondel no século XIX e chega a Henri Bergson, no início do século XX. Como *ars vivendi*, a filosofia se transforma na busca adequada de uma justificação de um estilo de vida, e de uma sustentação para uma forma de viver. É, assim, um instrumento teórico-pragmático que o filósofo utiliza para construir sua própria vida.

Em *Sete cartas a um jovem filósofo*, Agostinho apresenta algumas coordenadas que mostram como ele entende a filosofia e o pensamento filosófico. Ao contrário dos “grandes criadores de sistemas de filosofia”, que considera “intolerantes e fechados”, Agostinho não coloca como prioridade importante conhecer os sistemas ou as doutrinas alheias, nem sequer mesmo construir uma filosofia com doutrinas próprias. *Mais do que construir uma filosofia com doutrinas próprias, é importante construir uma vida com uma filosofia própria*, como fizeram certos gregos e alguns hindus. Aproveitando esta maneira de encarar a filosofia, coloca uma interrogação ao jovem filósofo Luís, seu interlocutor das *Sete Cartas*: “Para que lhe servirá a você, diz, construir um sistema filosófico que não amadureceu dentro de si, e não fez corpo consigo, que você não tem de dar ao mundo, por uma obrigação que o excede (...). A glória pode esperar, podem esperar as recompensas, pode esperar o gosto de viver (...). Tudo pode esperar. Aguardemos pacientemente que em nós brote aquilo a que viemos.”⁸

Para Agostinho da Silva, aquilo a que viemos é certamente a tarefa de tentar sondar a natureza de nosso destino. Para esse esclarecimento, não deixam de ser importantes os esforços dos pensadores e filósofos antigos e modernos, assim como as definições tradicionais sobre o que seja filosofia. Mas mais importante parece ser a atitude de Mestre Agostinho, ao questionar as fronteiras conceptuais do termo, desabilitando a radicalidade com que por vezes se reduz o campo da reflexão filosófica a conceitos de sistemas ou de rigor dialético e abrindo-o para horizontes vitais e existenciais com que o homem lida diretamente. Só pelo fato de ele ter buscado a filosofia como reflexão e como atitude de vida, já se nos apresenta como um filósofo de raiz.

Mas o que especificamente o caracteriza é seu discurso autônomo, sua postura dialética e questionadora sobre o sentido da vida e do mundo, sua defesa da liberdade de ser e de criar, uma utopia renovadora, sua fé inabalável no homem e no futuro da civilização lusíada, representada pelos povos de língua portuguesa.

Notas

- 1 SILVA, Agostinho da. *Textos e Ensaios Filosóficos I e II*. Lisboa: Âncora Editora, 1999. Organização de Paulo Alexandre Esteves Borges.
- 2 SILVA, Agostinho da. *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*. In: *Textos e Ensaios Filosóficos I*. Lisboa: Âncora Editora, 1999, p. 248.
- 3 SILVA, Agostinho da. *A última conversa* [entrevista a Luís Machado]. Lisboa: Editorial Notícias, 1995, p. 49.

- 4 SILVA, Agostinho da. *Vida conversável*. Brasília: Núcleo de Estudos Portugueses; CEAM/UnB, 1994. Organização e prefácio de Henryk Siewierski, p. 103.
- 5 SILVA, Agostinho da. *Só Ajustamentos*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1962, p. 51.
- 6 SILVA, Agostinho da. *Vida conversável*, p. 103.
- 7 SILVA, Agostinho da. *Considerações: Da Vida Filosófica*. In: _____. *Textos e Ensaios Filosóficos I*, p. 94.
- 8 SILVA, Agostinho da. *Sete Cartas a um Jovem Filósofo*, p. 255.

Resumo

Expõe-se neste texto o teor e a qualidade do pensamento filosófico de Agostinho da Silva. Mostra-se que a tônica espiritual de Agostinho é itinerante, ontológica, religiosa e mística, sempre carregada da relação contextual da cultura lusíada. Agostinho cria doutrinas, teses e reflexões sobre o homem e o mundo. Mostra luz própria e coloca suas reflexões no caminho dos caminhantes da filosofia. De maneira adequada, usa a filosofia como reflexão. O grande destaque da natureza desta reflexão é a opção que Agostinho faz pela filosofia como pensamento vivo, dando à filosofia a função de ser uma teorização para a arte de bem viver. A filosofia de Agostinho caracteriza-se também como um instrumento ancilar, ou seja, a filosofia é prestadora de serviços. Entre esses serviços, vemo-la como ato teorizante e fundante da descoberta e exercício da identidade portuguesa e também como instrumento pedagógico para orientação e doutrinação da missão de Portugal no mundo. Ao lado disso, há textos que a colocam a serviço da hermenêutica da história e da cultura e do destino de Portugal. Na tentativa de mostrar os caminhos da identidade portuguesa, Agostinho recorre à idéia criacionista, mostrando que é o próprio homem que tem de abrir horizontes para a construção de seus caminhos. Essa idéia criacionista era uma idéia preferencial que seu mestre Leonardo Coimbra defendia desde a publicação de seu livro *O Criacionismo* em 1912 e que mais tarde levou para a Faculdade de Letras do Porto. No decurso de suas explanações opta pela filosofia como ato vital. A filosofia será por isso, no fundo, conforme expõe claramente em *Sete cartas a um jovem filósofo*, acima de tudo, uma teorização básica sobre a arte de viver – o que termina por ser uma adesão à tese da *philosophia ut ars vivendi*, na seqüência de grandes outros mestres numa linha que vem desde Platão, seguindo adiante através de Santo Agostinho, São Boaventura, Pascal e Henri Bergson.

Palavras-chave: Pensamento filosófico; Filosofia como reflexão; Filosofia como *ars vivendi*; Coordenadas fundantes da filosofia; Filosofia criacionista.

Résumé

La ligne thématique de cette étude c'est celle de présenter la pensée philosophique du luso-brésilien George Agostinho da Silva (1906-1994). La recherche a été basé première-

ment sur les principes de la philosophie en générale, et puis sur la philosophie classique, moderne et contemporaine, montrant surtout la pensée originale du propre auteur. On a l'intention de montrer en quelle mesure la philosophie de Agostinho c'est une philosophie de liberté, de théorie et d'action créatrice. D'une côté lui-même réivindique la philosophie comme un acte de réflexion et de théorisation, et, de l'autre côté, comme un acte fondante de la culture portugaise, une philosophie vitaliste et dernièrement comme une conception de vie, comme une *ars vivendi*.

Mots-clé: Pensée philosophique; Philosophie comme réflexion; Philosophie comme *ars vivendi*; Coordonnées fondantes de la philosophie; Philosophie créationiste.